

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: OESP (Espaço Aberto)

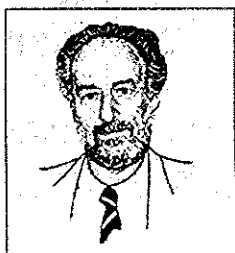
Data: 30/8/2002 Pg. 42

Class.: 28

WASHINGTON NOVAES

Chorando ou cantando na África?

Quem, como o autor destas linhas, tem acompanhado ao longo do tempo as discussões sobre meio ambiente e desenvolvimento – de longe, pela imprensa, a reunião de Estocolmo, em 1972, e de corpo presente as conferências de 1992 e 1997 (Rio+5) no Rio de Janeiro e, agora, em Jo-



O Brasil não aceita retrocessos em relação ao que se aprovou há uma década

hannesburg, na África do Sul – não pode deixar de sentir certa aflição. Em 1972, tudo parecia muito distante do Brasil – a não ser pelo vexame de um ministro do governo militar sugerir que os países industrializados mandassem para cá suas indústrias e sua poluição, se esta os incomodava. Na Rio-92, inspirados pelo relatório *Nosso Futuro Comum*, que a comissão liderada pela ex-primeira-ministra da Noruega Gro Brundtland produzira, mais de cem chefes de Estado reconheceram a necessidade de implantar o chamado desenvolvimento sustentável – capaz de atender às necessidades das atuais gerações sem comprometer os direitos das futuras – e por isso assinaram as convenções sobre mudanças climáticas e de proteção da diversidade biológica, assim como a agenda mundial capaz de prover recursos para solucionar os dramas mais agudos da pobreza e do meio ambiente.

Já em 1997 começaram a soar os tambores de alerta. Maurice Strong, o secretário-geral da Rio+5, gritava que era “nossa última oportunidade de reverter os rumos do planeta”. Mikhail Gorbachev, com a experiência de ex-condutor da segunda maior potência da Terra, proclamava: “A civilização atual chegou a seu fim, exauriu suas possibilidades.” Teríamos, no seu entender, 30 anos para mudar os rumos;

se não o fizéssemos, o planeta poderia “passar bem sem nós”. O francês Michel Rocard, parecendo antever os impasses de hoje, lembrava que, “condenados a viver juntos, estamos condenados a nos pôr de acordo juntos”.

Parece bem o retrato do panorama que se enxerga neste momento em Jo-

hannesburg – onde estas linhas estão sendo escritas. Sabemos que estamos condenados, todos, a “salvar a Terra para nós mesmos”, como disse o presidente Mbeki, da África do Sul. Mas não nos conseguimos pôr de acordo quanto aos caminhos.

Por onde passarão eles? Nas centenas de painéis que se realizam aqui, há quem diga que o multilateralismo se esgotou, que o poder não mora mais na ONU, inútil insistir por aí. Há quem proponha criar uma Organização Mundial do Meio Ambiente, separada – mas logo alguém objeta que ela estará fadada a seguir a mesma trajetória da ONU.

Diplomatas, como é do seu feitio, parecem não assustar-se; lembram que é da tradição que os conflitos só sejam superados na última hora – até ali, há muito jogo de cena, muita conversa enganadora.

A diplomacia brasileira aponta até avanços que considera importantes, como o de os EUA haverem aceitado, em certo ponto do documento sobre meios de implementação do que foi aprovado no Rio de Janeiro há uma década, retirar os colchetes que cercavam a expressão “responsabilidade comum dos países, mas diferenciada”. Retirar os colchetes significa retirar as restrições. E, se os EUA aceitam isso nesse ponto, pode ser

que aceitem também na área de mudanças climáticas, em que, por emitirem há muito mais tempo gases do efeito estufa que se acumulam na atmosfera, têm responsabilidade maior que outras nações, deveriam concordar em reduzir sua poluição. Ao mesmo tempo, teriam de deixar de exigir que Brasil, China, Índia e outros países em desenvolvimento, que emitem há muito menos tempo, aceitem obrigações imediatas.

Seja como for, o ministro do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho, enfatiza com todas as letras que o Brasil não aceita, em nenhuma hipótese, retrocessos em relação ao que se aprovou há uma década. E anuncia uma tomada de posição importante: pleitear que os países importadores aceitem pagar custos da certificação de produtos que importam. Se essa exigência de compensação por custos ambientais chegar, por exemplo, à área das commodities, haverá fortes repercussões também internas, inclusive na agropecuária. Da mesma forma, nos eletrointensivos e em várias outras áreas.

Representantes de ONGs torcem as mãos, aflitos. Temem que se produzam aqui apenas documentos “açucarados”, que “empurrem com a barriga” a dramática situação de hoje. Como não pensar assim – dizem eles –, se os EUA e a maioria dos

países industrializados nem sequer aceitam discutir itens das pautas de comércio e finanças, por entenderem que os objetivos já foram alcançados e nada há a fazer aqui? Se está emperrada, com partes fundamentais entre colchetes, a discussão sobre padrões de produção e consumo sustentáveis? Se não se aceitam metas em geral a serem cumpridas – nem sequer para resíduos industriais perigosos? Se até a expressão “respeitar direitos humanos e a diversidade cultural” merece restrições e está entre colchetes? E esses são apenas uns poucos exemplos num documento que tem um quarto de seu texto ainda bloqueado por esses sinais gráficos.

Há quem aponte ainda manchetes de jornais sul-africanos que dizem estar a cúpula “por um fio”. Quem entenda que os países industrializados tentam “africanizar” a conferência, transformando a luta contra a pobreza extrema em pauta única, para obter o apoio dos africanos e “salvar” a cúpula – mas abandonando todo o resto. Mas há também quem aposte – como já foi comentado neste espaço – que se criará uma comissão de alto nível capaz de produzir um “novo relatório Brundtland”, apontar novos rumos para a humanidade.

Tudo pode ser. Fica a tentação de sugerir que, qualquer que seja o caminho, se convoquem para dizer o que deve ser feito algumas pessoas das nove etnias nativas desta África do Sul. Em todos os lugares, sempre que se juntam algumas delas, logo começam a dançar, na maior alegria, numa sonoridade exuberante. E quem consegue essa alegria vivendo num país que submeteu seus povos à extrema penúria e violência, e ainda vive carências e dramas gravíssimos, deve saber algumas coisas muito importantes para as decisões que terão de ser tomadas.



~albert